

Mary Stewart

TERROR EM CORFU



MARY STEWART

TERROR EM

CORFU

Tradução de
RUY JUNGSMANN



DISTRIBUIDORA RECORD
1964

Para John Attenborough

NOTA DA AUTORA

Entre as muitas dívidas em que incorri enquanto escrevia este livro, duas se destacam sobremaneira. Gostaria de agradecer especialmente a Michael Halikiopoulos, Diretor dos Serviços Turísticos de Corfu, Rua Arseniou, 5, Corfu, por toda a bondade e ajuda que me prestou. Da segunda dívida é credor Antony Àlpers, cujo encantador Book of Dolphins (John Murray, 1960) proporcionou não somente inspiração, mas também muitas informações usadas neste livro.

CAPÍTULO 1

...não relação para fazer-se à mesa...

A TEMPESTADE, Ato V, Cena I

— E se for garoto — disse Phyllida alegremente — nós o chamaremos de Próspero.

Eu ri.

— Pobre garoto. Por que, em nome de Deus? Oh, naturalmente... Alguém lhe andou por acaso dizendo que Corfu foi a ilha mágica de Shakespeare em A Tempestade?

— Para dizer a verdade, sim, um dia destes. Mas, pelo amor de Deus, não me pergunte coisa alguma a esse respeito agora. Não importa o que você costuma fazer, eu excluo Shakespeare no café da manhã — minha irmã bocejou, estendeu um pé para o sol à beira do terraço e admirou a cara

sandália de praia que usava. — Eu não quis dizer isso, de qualquer maneira. Mas nós já temos aqui uma Miranda, e um Spiro, o que talvez não seja apelido de Próspero, mas soa muito parecido.

— Oh! Parece muito romântico. Quem são eles?

— Um rapaz e uma moça. Gêmeos.

— Deus meu! O pai deles deve ser um agente literário.

Phyllida sorriu:

— Bem que se poderia dizer isso.

Algo na expressão dela despertou-me a curiosidade, da mesma forma que algo mais me disse que era justamente isso o que ela queria. E, por isso, eu — que posso ser tão provocante quanto ela quando me esforço — disse simplesmente:

— Bem, neste caso não é melhor mudar? Que tal Calibã para seu futuro filho? Ajusta-se como uma luva.

— Porquê — perguntou ela, indignada.

— "Por grávida encontrar-se essa megera de olhos azuis foi para cá trazida" — citei. — Há mais café?

— Naturalmente. Aqui. Oh, meu Deus, é bom ter você aqui, Lucy! Eu acho que não devia falar em sorte em você chegar justamente agora, mas estou imensamente satisfeita por que você veio. Isto é um sonho depois de Roma.

— E um paraíso depois de Londres. Eu já me sinto diferente. Quando penso onde estava ontem a estas horas... e quando penso na chuva...

Estremeci, bebi o café e recostei-me na cadeira para observar as copas coroadas de ouro dos pinheiros que se estendiam até o mar faiscante, entregando-me àquela sensação de devaneio que marca o início de férias num lugar como este, quando a pessoa cansada foi transportada da noite para o dia do gélido abril na Inglaterra para o ensolarado de uma ilha mágica no Mar Jônico.

Talvez eu deva explicar (àqueles que não têm tanta sorte como eu) que Corfu é uma ilha ao largo da costa ocidental da Grécia. É comprida, em forma de foice, e se encaixa numa curva da costa: no ponto de maior proximidade, ao norte, fica a apenas três quilômetros e meio da Albânia e, a partir da cidade de Corfu, situada na metade inferior da lâmina da foice, a mais ou menos dez ou doze quilômetros de distância das costas da Grécia. Na ponta setentrional, a ilha é larga e montanhosa, caindo através de férteis vales e colinas sempre menores para a longa e plana cauda do escorpião ao sul, da qual algumas pessoas dizem que Corfu, ou Kerkyra, ganhou o nome.

A casa de minha irmã fica a cerca de quinze quilômetros ao norte da cidade de Corfu, onde a costa começa a curvar-se em direção ao continente e onde os sopés do Monte Pantokrator proporcionam abrigo ao pequeno e rico trecho da serra que é parte das propriedades da família do seu marido há muitos anos.

Phyllida é três anos mais velha do que eu. Aos vinte anos, casou-se com um banqueiro romano, Leonardo Forli. A família estabeleceu-se em Corfu durante a ocupação veneziana e conseguiu, de alguma maneira, sobreviver às várias ocupações subseqüentes com suas pequenas propriedades mais ou menos intatas e pôde mesmo, como o Vigário de Bray, prosperar. Sob o protetorado britânico, o bisavô de Leo construíra o pretensioso e romântico Castelo del Fiori no bosque acima da pequena baía, de onde a propriedade desce até o mar. Plantou vinhedos e pomares de laranjeiras, incluindo uma pequena plantação (se esta for a palavra) de laranjas miniaturas japonesas chamadas koúm koyàt pelas quais a propriedade tornou-se posteriormente famosa. Chegou mesmo a desmatar uma clareira no bosque para um jardim e construiu — além do braço sul da baía e justamente ao alcance da vista a partir do castelo — um ancoradouro e uma enorme garagem de barcos que (segundo Phyllida) teria capacidade para abrigar quase toda a Sexta Esquadra. E, realmente, abrigara a complicada frota de barcos em que os hóspedes costumavam visitá-lo. Acho que nos seus dias o Castelo foi cenário de uma única e ininterrupta festa familiar: velejavam e pescavam no verão; no inverno, trinta ou mais hóspedes invadiam as terras da Grécia e Albânia para caçar aves e cabritos monteses.

Esses dias, porém, terminaram com a I Guerra Mundial. A família transferiu-se para Roma, embora sem vender o castelo, que lhes serviu nas décadas de vinte e trinta como residência de verão. Às cambiantes fortunas da II Guerra Mundial quase destruíram a propriedade, mas os Forlis reapareceram na Roma de pós-guerra com a fortuna da família misteriosamente restaurada. O chefe da família — o pai de Leo — voltou a atenção mais uma vez para a propriedade de Corfu. Fizera alguma coisa para recuperar o lugar, mas, após sua morte três meses antes, o filho decidira que os velhos e gastos esplendores do castelo não o interessavam e construíram duas vilas modernas menores — na realidade dois bangalôs gêmeos — nas praias que envolviam a baía, no centro da qual ficava a cavaleiro o Castelo. Ele e Phyllida usavam a Villa Forli, como chamavam a casa na praia norte; a construção gêmea, a Villa Rotha, ficava ao sul da baía, acima do regato onde se localizava a garagem dos barcos. A Vila Rotha fora alugada a um inglês, Sr. Manning, que ali estava desde o outono anterior escrevendo um livro ("Você conhece o tipo" — disse minha irmã — "somente fotografias e um fio de texto em letras garrafais, mas elas são boas"). As casas eram ligadas à estrada pelo caminho de automóveis que conduzia ao Castelo e entre si por várias trilhas através do bosque e até a baía.

Nesse ano, a quente primavera de Roma, ameaçando ainda coisas Piores, forçara os Forlis a fugirem mais cedo para Corfu. Phyllida, que estava grávida, sentia-se muito mal no calor e deixara-se convencer a deixar os dois filhos (cujo período escolar não terminara ainda) com a avó. Leo trouxera-a alguns dias antes de minha chegada, mas tivera de voltar a Roma para tratar de negócios, com a promessa de vir de avião, se pudesse, nos fins-de-semana e trazer as crianças para a Páscoa. Phyllida, sabendo que eu andava meio desarvorada, escrevera-me pedindo-me que viesse a Corfu fazer-lhe companhia.

O convite não poderia ter chegado em momento mais oportuno. A peça em que eu trabalhava acabara de sair de cartaz após uma temporada que meramente nos poupava o orgulho, e eu estava desempregada. O fato de o trabalho ter sido o meu primeiro em Londres — a minha "grande oportunidade" — explicava parcialmente minha depressão. Nada mais havia nas cartas. As agências mostraram-se polidas, mas evasivas. Além disso, tivéramos um inverno horrendo e eu estava cansada, desanimada e pensando seriamente, aos vinte e cinco, se não fora uma tola em insistir, contra todos os conselhos, em escolher o palco como carreira. Mas — como sabem todas as pessoas que tiverem algo com o teatro — o palco não é uma profissão, mas um vírus, e eu o contraíra. Trabalhei e esforcei-me durante todo o

habitual começo até o ano passado, quando decidi, após três anos de primeiros papéis juvenis no teatro do repertório provinciano, que chegara a hora de tentar a sorte em Londres. E a sorte pareceu finalmente acenar-me. Após dez meses mais ou menos de pontas na televisão e um ou outro comercial, conseguira arranjar um papel promissor, apenas para ver a peça desmoronar-se sob os meus pés, como um camelo moribundo, após uma temporada de dois meses.

Mas pelo menos podia considerar-me mais felizada do que os milhares de outras que ainda lutavam para abrir caminho nos primeiros degraus da escada: enquanto elas aguardavam nos abafados escritórios dos agentes, eu me sentava no terraço da Villa Forli, tendo diante de mim tantas semanas quantas quisesse no ensolarado brilhante de Corfu.

O terraço era uma ampla plataforma de cerâmica encarapitada na extremidade do promontório onde as escarpas arborizadas caíam abruptamente para o mar. Sob a balaustrada penduravam-se nuvens após nuvens de pinheiros, sempre cálidamente perfumados e capitosos no sol da manhã. Atrás da casa e de cada lado descia o frio bosque onde pequenas aves voavam e chilreavam em relâmpagos coloridos. A própria baía estava escondida pelas árvores, mas o panorama em frente era maravilhoso — um trecho do calmo e faiscante golfo aconchegado nos braços dobrados

de Corfu. À distância, em direção ao norte, do outro lado do estreito azul-escuro, alteavam-se, etéreos como um nevoeiro, as neves fantasmagóricas da Albânia.

Envolveria a paisagem uma profunda e encantadora paz. Som algum, apenas os das aves; nada para ver, somente árvores, céus e os reflexos do sol no mar.

Suspirei.

— Bem, se não fôr a ilha mágica de Próspero, deveria ser... Quem são esses seus românticos gêmeos, por falar nisso?

— Spiro e Miranda? Oh, são filhos da mulher que trabalha para nós aqui, a Maria. Ela mora na cabana junto ao principal portão do Castelo — você deve tê-la visto quando veio do aeroporto.

— Lembro-me de ter visto uma luz... Uma casinha muito pequena, não? Então eles são naturais de Corfu... Qual é a palavra? Corfusianos ?

Ela riu.

— Idiota. Corfiotas. Sim, são camponeses corfiotas. O irmão trabalha para Gordfrey Manning o homem que mora na Villa Rotha. Miranda ajuda a mãe aqui.

— Camponeses? — ligeiramente confusa, dei-lhe a deixa que pensei que ela queria. — Parece um pouco estranho encontrar esses homens aqui. Quem é que foi o culto pai deles? Leo?

— Leo — disse a carinhosa esposa — segundo sei, com absoluta certeza, nada leu salvo o Financial

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

